



PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA SOCIOAMBIENTAL NA ZONA COSTEIRA GAÚCHA: O CASO DO MOVIMENTO “FORA CELULOSE”

Gabriel Ferreira da Silva¹ & José Vicente Freitas²

¹ Universidade Federal do Rio Grande FURG - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA. Endereço: Avenida Itália, km. 08 - Pavilhão 4, sala 4112 A, Campus Carreiros, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, CEP: 96203-900, gbr.s.ferro@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande FURG - Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA. Endereço: Avenida Itália, km. 08 - Pavilhão 4, sala 4112 A, Campus Carreiros, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, CEP: 96203-900, josevicente@ribombo.com.

RESUMO

Os anos finais da década de 1980 colocaram a cidade do Rio Grande/RS no palco de manifestações socioambientais. Isto se deu pelo anúncio por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul em seu interesse na instalação de uma fábrica de celulose na cidade. Vista pelos políticos e empresários como a solução de problemas econômicos, o anúncio rapidamente chamou a atenção para pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e comunidade em geral, que se organizaram a fim de barrar a instalação do empreendimento em Rio Grande. Assim, este artigo busca compreender e explorar a relação entre academia e movimento ambiental, resultando no movimento “Fora Celulose”. Trataremos aqui, de uma relação extremamente frutífera criada na união entre universidade e os movimentos ambientais, resultando no movimento, responsável direto pelo abandono do projeto por parte do Governo e demais autoridades.

Palavras-chave: Fora Celulose; Rio Grande/RS; Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Ativismo ambiental; Fábrica de Celulose.

SOCIAL AND ENVIRONMENTAL RESISTANCE PRACTICES IN THE COASTAL GAUCHA AREA: THE CASE OF THE “OUTSIDE CELLULOSE” MOVEMENT

ABSTRACT

The final years of the 1980s put the city of Rio Grande / RS at the stage of socio-environmental manifestations. This was due to the announcement by the Government of the State of Rio Grande do Sul, in its interest in the installation of a pulp mill in the city. Seen by politicians and businessmen as the solution to economic problems, the announcement quickly drew attention to researchers from the Federal University of Rio Grande (FURG) and the community in general, who organized to stop the installation of the venture in Rio Grande. Thus, this article seeks to understand and explore the relationship between academy and environmental movement, resulting in the "Out of Cellulose" movement. We will deal here with an extremely fruitful relationship created in the union between university and environmental movements, resulting in the movement entitled "outside cellulose", directly responsible for the abandonment of the project by the Government and other authorities.

Key-words: Out of Cellulose; Rio Grande/RS; Federal University of Rio Grande (FURG); Environmental movement; Pulp mill.



INTRODUÇÃO

No final dos anos 1980 o governo do Estado do Rio Grande do Sul, estado da República Federativa do Brasil, anunciou a pretensão de instalar um gigantesco complexo de produção de papel celulose na cidade de Rio Grande, às margens da Laguna dos Patos. O investimento giraria em torno de 400 milhões de dólares e era apresentado como a solução dos problemas econômicos do município, que assim como o restante do país, vivenciava uma séria crise socioeconômica.

Em primeiro momento, o governo do Estado, assim como uma legião de empresários residentes do município, acreditou que o projeto seria aceito sem grandes problemáticas e poderia ser implementado assim que as primeiras empresas interessadas na empreitada estivessem prontas para iniciar as obras.

Entretanto, a notícia da possível instauração da fábrica na cidade, já era de conhecimento de ativistas de movimentos ambientalistas do município que, antecipadamente, se organizavam de forma a pensar maneiras de barrar o empreendimento.

Com a manifestação oficial sobre a instalação da fábrica, os ativistas e diversos outros atores da sociedade civil riograndina passaram a organizar maneiras de convencer a sociedade em geral de que a instalação da fábrica traria mais ônus do que benefícios para o município. Estas pessoas organizadas passariam a fazer parte de um grupo que hoje denominamos de movimento “Fora Celulose”.

Em um período de tempo de cerca de um ano, entre fim de 1988 e o fim de 1989, os ativistas foram capazes, através de diversas ações políticas e de educação ambiental, de não só persuadir a população

sobre os perigos de que acarretaria a instalação do complexo de celulose na cidade, mas de criar um movimento tão grande e conciso que fez com que o governador do Estado recuasse com as pretensões governamentais.

O episódio em questão é marcado como uma das maiores, se não a maior, ação de resistência socioambiental da Cidade de Rio Grande. Entretanto, o fator ímpar deste fenômeno não reside em seu fator de impacto no imaginário popular ou mesmo pela sua efetividade em resistir ao megaempreendimento. Destaca-se aqui, como a principal singularidade deste fenômeno a sua eficácia em resistir no contexto socioeconômico em que estava inserido.

Como se sabe, década de 1980 é conhecida como década perdida no âmbito econômico. O Brasil passava por uma gigantesca crise social onde os índices de desemprego, violência e miséria eram alarmantes. São estes fatores que tornam interessante o movimento Fora Celulose, pois a narrativa criada pelos ambientalistas foi capaz de persuadir a população em geral a não aceitar a fábrica de celulose mesmo esta sendo, como falado anteriormente, a solução para os problemas socioeconômicos de Rio Grande

Este artigo se origina de uma pesquisa³⁴ que entende que o movimento Fora Celulose pode fornecer pistas para a realização de ações socioambientais concretas e adequadas para efetuar intervenções no escopo social capazes de convencer as populações de áreas ameaçadas por megaempreendimentos extrativistas, em especial nas zonas costeiras, que estes empreendimentos não são benéficos para as regiões onde pretendem se instalar.

Este trabalho tem como objetivo, apresentar como foi realizado o teste de uma das hipóteses da

³⁴ FERREIRA, Gabriel, Silva. —**Uma história de luta e resistência- O movimento “Fora Celulose!” no município de Rio Grande no final da década de 1980**”. Rio Grande: 2017.

67p. Monografia (graduação em história bacharelado) - Instituto de ciências humanas e da informação, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2017.



pesquisa, que visava relacionar uma das ações de educação ambiental promovidas pelos ativistas- a panfletagem na praia- com a produção acadêmica da universidade, referente a instalação da fábrica de celulose.

Para que se possa entender a lógica por trás deste teste, deve-se saber que o Fora Celulose se utilizou de diversas táticas e ferramentas para alcançar seus objetivos. Dentre as estratégias já catalogada a principais eram a distribuição de folhetos informativos, sobre os males de uma fábrica de celulose aos veranistas do balneário cassino. Estes *flyers* eram distribuídos para moradores e turistas durante os momentos de lazer na beira da praia e eram acompanhados por diálogos e explicações sobre o conteúdo do documento.

A fonte em questão- os flyers distribuídos na praia- possui um selo da associação dos professores da Universidade Federal do Rio Grande e em seu texto constam diversos dados que não expõem a fonte de pesquisa. Uma vez que no corpus documental reunido até o momento existem uma série de artigos acadêmicos- produzidos nos anos 1980- que detalham os impactos tanto socioeconômico quanto ambientais que uma fábrica de celulose poderia causar a cidade de rio Grande, entende-se que pode haver alguma relação entre o documento em questão e os artigos encontrados.

Sendo assim, uma das hipóteses de trabalho desta pesquisa é que um dos possíveis fatores que fizeram com que este movimento fosse efetivo em resistir contra a fábrica de celulose, foi por possuir uma relação com a universidade tanto para produzir material de trabalho quanto para realizar estratégias de ação.

Para comprovar ou negar esta hipótese, um dos processos realizados, e que está aqui exposto, foi realizar análise do conteúdo dos folhetos, artigos e posteriormente compará-los em busca de similaridades entre a narrativa dos textos e dos artigos.

Para que este artigo tenha mais consistência e possa transparecer a dimensão dos atos de resistência dos ambientalistas, serão expostas as argumentações utilizadas pelos favoráveis a fábrica de celulose que foram divulgadas no principal periódico da cidade. Este processo tem a intenção de demonstrar como o folheto estava bem estruturado e buscou desconstruir de forma didática todos os argumentos encontrados no jornal naquela época.

Uma vez que esta pesquisa opera com hipóteses de trabalho, é natural que esta possua um escopo teórico a priori. Sendo assim este artigo tem como referência, inicialmente, a compreensão de Enrique Leff (2005) sobre sua percepção a respeito do campo da História Ambiental (HA). Defende-se aqui essa abordagem por entender que as associações que o autor faz entre a pesquisa histórica e a Educação ambiental (EA) encaixam perfeitamente na proposta desta pesquisa que, nada mais é, do que uma pesquisa historiográfica dentro do campo da EA.

A perspectiva de Leff (op.cit) sobre HA não a resume simplesmente em um estudo sobre as interações entre seres humanos e a natureza, mas sim de mudança paradigmática, onde se percebe os homens e as mulheres como sendo a própria natureza. Aqui se propõe que a HA, mais do que um estudo do passado, seja um fator de transformação da sociedade, a partir do resgate de formas de resistência ao que se chama de racionalidade econômica.

Se a história ambiental é entendida como o devir espaço-temporal em que ocorrem transformações do meio pela ação do homem (pelas racionalidades econômico-culturais de apropriação da natureza), seu campo estará definido segundo a delimitação territorial, cultural e temporal de cada estudo. Nesta perspectiva, se estabeleceria o propósito de recuperar formas sustentáveis de manejo do meio para aplicá-las a estratégias atuais de exploração e manejo da natureza. (LEFF, p.15, 2005)



Essa perspectiva de História Ambiental proposta por Leff (2005) é fruto do desenvolvimento de um conceito também proposto pelo autor que é o de Racionalidade Ambiental que em suma busca construir uma nova racionalidade que desconstrua o modelo mecanicista de se relacionar com o meio ambiente.

Segundo Leff (2005), a lógica da racionalidade mecanicista é uma das responsáveis pela crise socioambiental que vivenciamos, pois é a partir dela que os seres humanos passam a se relacionar de maneira hierarquizada com a natureza, iniciando assim o pensamento de que as técnicas científicas podem transformar os recursos naturais e, assim, o homem pode dominar a natureza. Esta racionalidade é uma das principais bases da Ciência moderna e da modernidade. É entendida por Leff (2005) e por autores como Capra(1998) como a grande responsável por separar a cultura da natureza.

Em síntese, esta separação criou sociedades e pessoas que compreendem o meio ambiente não como parte essencial para o seu pleno desenvolvimento, mas sim sob uma ótica antropocêntrica, como meros recursos naturais que podem ser dominados, domesticados e transformados mediante técnicas cada vez mais desenvolvidas pelo método científico, pautado neste tipo de racionalidade.

Com o intuito de transformar essa lógica paradigmática, de separação entre cultura e natureza, de hierarquização de espécies, pensamentos e modos de vida, Leff (op.cit) propõe a construção de uma nova racionalidade, uma racionalidade ambiental. Esta nova lógica estrutura-se no paradigma complexo e busca na Ecologia Política muitos dos seus referenciais, como pode ser comprovada pelos artigos escritos pelo autor sobre o tema em questão³⁵.

Entretanto, Leff (2005) afirma que esta nova racionalidade ainda se encontra em construção, assim

como a Ecologia Política e as bases para essa nova lógica ou modo de se posicionar frente ao mundo.

A construção de uma racionalidade ambiental é um processo político e social que passa pelo confronto e concerto de interesses opostos, pela reorientação de tendências (dinâmica populacional, racionalidade do crescimento econômico, padrões tecnológicos, práticas de consumo); pela ruptura de obstáculos epistemológicos e barreiras institucionais; pela criação de novas formas de organização produtiva, inovação de novos métodos de pesquisa e produção de novos conceitos e conhecimentos. (LEFF, 2001, p. 112).

Tendo em vista a conceitualização edificada para a perquisição desta pesquisa, fica nítido a estreita relação entre tal referencial e os objetivos e problemáticas da investigação. Esta pesquisa busca dar profundidade e contribuições ao referencial teórico de Leff(op.cit) quando objetiva justamente contribuir com a construção desta nova racionalidade.

Leff(op.cit) entende que os movimentos de resistência possuem as pistas para a construção da nova racionalidade. Desta forma além de estar buscando métodos de resistir presentes no fora celuloze também se está buscando as pistas para a nova racionalidade.

MATERIAIS E MÉTODOS

O corpus documental levantado para essa pesquisa é composto primeiramente por cerca de dois anos de reportagens obtidas através do periódico Jornal Agora, onde foram mapeadas as principais lideranças do movimento, atores importantes tanto favoráveis a fábrica quanto contrariantes, as argumentações dos grupos envolvidos, assim como as principais ações e táticas de resistência empregada pelos grupos.

A partir deste primeiro levantamento, foram selecionados três atores entendidos como importantes para a história do movimento em questão. Os sujeitos

³⁵<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/44381>



foram entrevistados seguindo os preceitos propostos por AGUETTE (1992). Destas três entrevistas, buscou-se desvendar as lacunas não informadas nos jornais, assim como se averiguaram novas informações.

A terceira fonte primária que compõem o corpus documental é uma série de relatórios acadêmicos produzidos pela Universidade Federal do Rio Grande. Esta fonte foi descoberta em posse de um dos entrevistados que a doou ao pesquisador.

Junto aos artigos, foram doados também um abaixo assinado contrário à fábrica, adesivos contra a celulose e um folheto elucidativo sobre as implicações de se instalar uma fábrica de celulose no município. É sobre este último documento que nos debruçamos para fazer a análise pretendida neste artigo.

Vista a descrição do corpus da pesquisa, utilizou-se para este trabalho os discursos de empresários favoráveis a instalação da fábrica de celulose presentes do periódico Jornal Agora, os artigos acadêmicos produzidos pela FURG e o Folheto que era distribuído na praia do Cassino. Todos estes documentos podem ser encontrados online no arquivo pessoal do pesquisador que é hospedado em nuvem³⁶

Para realizar o que foi pretendido se utilizou da metodologia de análise de conteúdo proposta por MORALES(1999) para analisar o texto dos documentos, assim como todas as figuras, gráficos e selos contidos nos documentos.

Posteriormente, categorizou-se o conteúdo do jornal em três tipos de discursos diferenciados 1- socioeconômicos, 2- ambientais e 3- desmoralização ideológica. Estes discursos são os primeiros expostos no artigo.

A segunda parte, consistiu em analisar o quanto de conteúdo dos artigos estava presente no folheto que era distribuído na praia. Foram verificadas se existem similaridades de discurso, trechos idênticos nos

diferentes documentos e principalmente se os dados contidos eram semelhantes ou iguais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A argumentação em favor da celulose

Este capítulo se dedica, inicialmente, a verificar as principais argumentações explanadas pelos defensores da fábrica de celulose. Posteriormente, serão explicitados os contra-argumentos e ações operadas pelos ativistas do “Fora Celulose”, elucidando sobre as produções acadêmicas que serviram de referencial, assim como os atores que produziram tais documentos aqui apontados.

Em primeiro lugar, os defensores da instalação da fábrica em Rio Grande afirmavam que tal projeto não prejudicaria de forma alguma o meio ambiente e o ecossistema da cidade; diziam inclusive que este até beneficiaria a preservação da natureza. Segundo as palavras do então secretário estadual de comércio e indústria da época, Carlos Mosmann:

(...) a fábrica desde o início do seu funcionamento deverá obedecer as normas do DMA e a legislação ambiental em vigor, o que impedirá problemas posteriores. Ressaltou ainda que além de prever harmonia entre a fábrica e o meio ambiente ainda terá a vantagem, pelas características do projeto de beneficiar a recuperação das dunas no litoral da região. (JORNALAGORA, 26/03/1989, p. 3).

Pode-se, assim, deduzir que a harmonia com o meio ambiente e preservação do mesmo eram concepções utilizadas pelos defensores do projeto. No entanto, tal argumentação possuía uma base estrutural mais aprofundada, que será exposta nos próximos parágrafos.

³⁶ <https://mega.nz/fm/T7JG2Y6R>



A empresa RioCell é apontada como precursora da argumentação favorável à instalação da fábrica de celulose, pois conforme o parecer dos interessados no projeto, esta é um exemplo de como uma indústria de celulose pode ser benéfica para o município e, simultaneamente, conviver em equilíbrio com a natureza.

A fim de defender a importância desta fábrica, Aprigildo Rodrigues, na época presidente da União Riograndina de Moradores dos Bairros, encaminha ao Jornal Agora, um manifesto, publicizado pelo periódico. No texto, embora se posicionasse contra a instalação da indústria de celulose, reconhecia que seguindo os moldes da RioCell, não seria prejudicial à cidade, pelo contrário, aduz que a empresa seria bem-vinda ao município.

A argumentação que utilizava a empresa RioCell como referência modelar, ganhou ainda mais força após um acontecimento: Se deu após a visita de diversos interessados na implementação da fábrica às dependências daquela empresa. Foi o motivo que originou uma onda de informações, amplamente divulgada, de que tal empreendimento possuía toda a tecnologia e equipamentos necessários para mitigar os impactos ambientais, assim como estava gerando mais de dois mil empregos. Ademais, a referida empresa era lembrada por possuir uma comissão de meio ambiente cujas atividades eram apreciadas pela população do município de Guaíba.

Sobre a RioCell, explicou que produz as linhas branqueadas e não branqueadas de papel e que embora tenha cerca de 600 funcionários na fábrica, apenas de empregados diretos, gera aproximadamente 2 mil. (...) quanto aos aspectos ambientais, Luiz Coimbra disse que a empresa investiu 37 milhões de dólares em resíduos. Neste programa incluiu-se a construção de torres de 120 e 150 metros de altura e o tratamento terciário de efluentes. As normas do Departamento de Meio Ambiente do Estado fizeram com que o cheiro característico da produção do papel fosse reduzido para 1%

do que existia anteriormente e que hoje seja sentido apenas em condições especiais de clima. Ainda nas questões ambientais-assunto que predominou nas questões levantadas pelos visitantes – Luiz Coimbra disse que a RioCell está entre as melhores do mundo. (**JORNAL AGORA, 21/04/89, p. 15**).

Ainda durante esta vistoria, foram inspecionadas as áreas de tratamento dos efluentes, posteriormente classificadas como exemplares pelos defensores do projeto. Em seguida, estes últimos reiteraram que uma indústria aos moldes da RioCell traria progresso à Rio Grande.

Indubitavelmente, a questão do progresso e do desenvolvimento econômico são os argumentos mais utilizados pelos defensores do empreendimento na cidade. Como se apurou na cobertura jornalística, praticamente todas as manchetes que se propunham a defender a instalação da fábrica, tocavam na questão do desenvolvimento econômico como fato a ser ponderado pela comunidade riograndina.

O argumento do progresso mostra-se tão veemente, visto que, por meio dele, se defendia a geração de empregos, assim como um grande aumento da circulação de capital no comércio da cidade, que eram motivações comumente apontadas nos textos publicados no Jornal Agora, como pode ser verificado em uma matéria que circulou no dia 25/02/1989, pela qual se assevera que a fábrica de celulose geraria cerca de 2588 empregos diretos para o município.

Ainda sobre a motivação ligada a ideia de progresso e geração de empregos, verifica-se em uma carta assinada pelo Prefeito de São José do Norte/RS – cidade vizinha, que também pleiteava a instalação da indústria - ao governador do Estado, asseverando que tal fábrica era tida como a redenção econômica para a cidade, sendo capaz de acabar com todos os problemas sociais que o município enfrentava, como se observa a seguir:



(...) Do ponto de vista econômico-social, é bom lembrar que municípios subdesenvolvidos ou com economias irremediavelmente comprometidas, precisam receber uma injeção de progresso para poder acompanhar o desenvolvimento do Estado. Para Rio Grande, por exemplo, a fábrica de celulose seria apenas mais uma grande indústria, entre as muitas que lá se acham instaladas, enquanto para São José do Norte será a redenção (...). (**JORNAL AGORA, 13/04/89**).

Este trecho da carta enviada ao então Governador Pedro Simon, faz uma boa síntese de como a questão era tratada pelos defensores do projeto, ou seja, consideravam que a indústria de celulose traria, supostamente, o progresso econômico, consistindo em um elemento que transformaria a economia regional de uma forma redentora.

Outra argumentação também recorrentemente colocada em pauta pelos defensores do projeto consistia na arrecadação dos impostos que a fábrica geraria anualmente, beneficiando, assim, o município. Os pró-celulose argumentavam que a indústria geraria a partir do terceiro ano de funcionamento um ICMS de aproximadamente 4, 55 milhões de dólares.

Em síntese, pode-se sustentar que esta gama de argumentos estava alicerçada, basicamente, no fato de que a instalação do empreendimento proporcionaria a circulação de um grande fluxo de capital no município de Rio Grande e na região, e também na ideia de que promoveria a geração de novos empregos e progresso econômico ao município, que sofria há décadas com a falta de investimentos de grande porte.

Para finalizar a questão político-econômica, era perceptível como os defensores do projeto se utilizavam da pretensão de outros municípios em acolher indústrias de celulose para pressionar a população a aceitá-la. Segundo o pré-projeto que estudou a viabilidade, Rio Grande era caracterizada como *locus* ideal para a sua instalação, entretanto, havia outras cidades apontadas como passíveis de

receber o investimento, dentre as quais encontravam-se Pelotas e São José do Norte.

Como fora apontado, o prefeito de São José do Norte já havia demonstrado sua intenção de que o projeto fosse implementado naquele município, porém, uma vez que a comunidade riograndina estava se mostrando contrária ao investimento, segmentos importantes da cidade de Pelotas passaram a pleiteá-lo. O município limeiro ao de Rio Grande mostrava-se tão interessado em receber o projeto que chegara a entrar em contato com Lutzenberger para convidá-lo a visitar a cidade:

O prefeito Anselmo Rodrigues pretende estudar pormenorizadamente o assunto, que considera de grande importância. “Afinal serão investidos pela indústria, nada menos que dois bilhões de dólares, com a criação de 7 mil empregos diretos”, disse o vice-prefeito Edgar Cuervello que, agora, agiliza novos contatos com Lutzenberger e a possibilidade de visita ao grupo Aracruz, no Espírito Santo. (**JORNAL AGORA, 13/04/89**).

As argumentações aqui explicitadas tentam criar uma narrativa de que a fábrica além de ser ecologicamente segura, traria as soluções econômicas a região sul. O discurso é centrado na segurança ambiental, na questão da geração de empregos e arrecadação de impostos.

A ação socioambiental

A ação em questão consistia em distribuir folhetos elucidativos sobre os males que a fábrica de celulose causaria ao município, tendo como público alvo os veranistas da Praia do Cassino. Além do material impresso, os ativistas desenvolviam breves diálogos com os banhistas, a fim de esclarecer de forma mais efusiva toda a problemática em questão.

Uma vez que ainda não foi realizada uma investigação mais profunda sobre os diálogos anteriormente apontados, o foco aqui é apontar se



trabalhos acadêmicos sustentam as argumentações presentes no documento aqui analisado. Para isso, far-se-á uma breve descrição sobre esta fonte para que se possa compreender de forma mais clara o seu conteúdo.

O documento se caracteriza inicialmente como uma folha A4, com um texto dividido em 8 tópicos separados, redigido por uma máquina de escrever, destacando dois carimbos ao fim da folha, um do grêmio do Colégio Técnico Industrial (CTI)³⁷ e outra da associação dos professores da FURG:

recursos naturais, assim como o risco a todas as formas de vida que a poluição antrópica pode acarretar. O texto associa a poluição a uma bomba atômica em forma de conta-gotas.

Essa narrativa leva à introdução da afirmação de que a instalação da fábrica de celulose agravaria essa crise ambiental, bem como pioraria os problemas socioeconômicos vividos pela cidade e pela metade sul no estado. É apontado neste início que tal empreendimento não passa de um falso progresso para cidade.

Visando dar sustentação às afirmações feitas, o documento faz uma relação entre o número de empregos ofertados pela fábrica em contraponto aos que poderiam ser perdidos com a instalação do complexo. As informações do documento atacam diretamente as argumentações dos defensores do empreendimento de que a aumentaria o número de pessoas empregadas em Rio Grande.

Aqui é interessante observar que o tópico em que estas afirmações são feitas, denominado de “EMPREGOS” é constituído por um trecho com dados idênticos aos encontrados no relatório denominado “Consequências socioeconômicas para Rio Grande com a instalação de uma fábrica de celulose” produzido por Marcelo Domingues(1989).

Em outro subtítulo do documento denominado de “INFRAESTRUTURA”, o documento aponta que a implementação da fábrica causaria um inchaço da periferia local, pois os empregados trazidos pelas empreiteiras para a construção da indústria ficariam desempregados logo após a conclusão da obra e isso causaria problemas de infraestrutura e déficit habitacional. Esta argumentação é a mesma do relatório citado anteriormente.

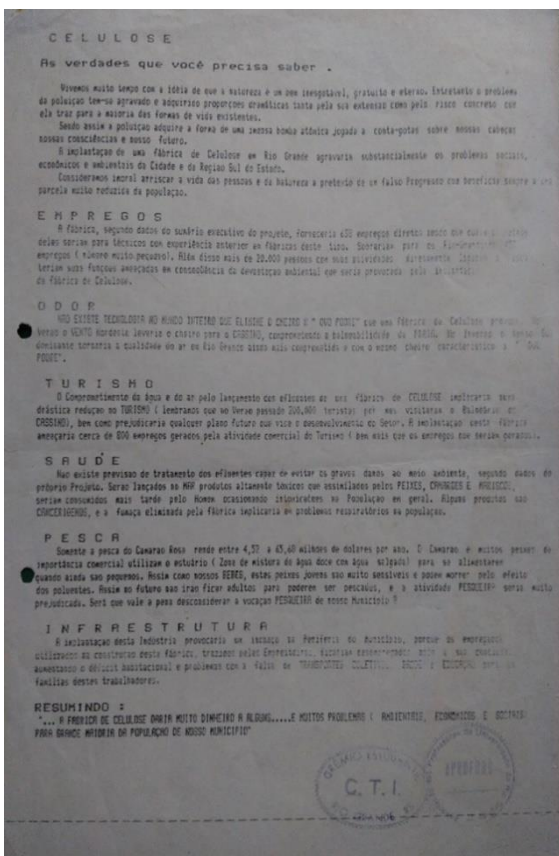


Figura 126 - Folheto contra a celulose. Fonte: Acervo do autor

Em primeira análise, nota-se a clara relação do documento e a universidade. Analisando de forma sucinta esse documento, nota-se inicialmente uma narrativa que visa quebrar a dualidade entre seres humanos e natureza. Aponta-se o caráter finito dos

³⁷ Atualmente, a escola em questão se tornou o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Campus Rio Grande



Entende-se, assim, que existe uma evidente e concreta relação entre o relatório acadêmico produzido por Domingues e o documento analisado. O fator primordial que indica como real essa ligação é o fato de o professor em questão ter sido um dos tantos ativistas do movimento “Fora Celulose”.

Seguindo, o documento passa a investir na narrativa que o mal cheiro causado pelas fábricas de celulose ocasionaria problemas para o turismo e veraneio no balneário Cassino. O documento expõe os mesmos dados e argumentos encontrados no relatório produzido por Renato Carvalho(1989), onde se alega que o regime de ventos predominantes, o nordeste, levaria toda a poluição aérea diretamente para a Praia do Cassino.

O discurso segue no sentido de que o odor poderia afastar os cerca de 200 mil turistas que visitavam a praia, anualmente. Além disso, este fator comprometeria os cerca de 800 empregos que eram gerados todos os verões.

Embora Carvalho não conste como professor da FURG, mas sim como técnico do Núcleo de Estudos e Monitoramento Ambiental (NEMA) na relação de trabalhos produzidos pela Universidade, entende-se que tal relatório denominado de “Turismo” possui caráter acadêmico por conta da histórica parceria entre NEMA e a Universidade Federal do Rio Grande³⁸.

Por fim, o documento aponta os perigos que os efluentes poderiam causar à saúde da população e na atividade pesqueira no município. A narrativa passa a destacar o potencial cancerígeno dos efluentes produzidos pelas fábricas de celulose e dos problemas respiratórios que a fumaça, oriunda do processo de produção de celulose, poderia causar.

Diversos relatórios tratam da questão tóxica e cancerígena dos rejeitos da celulose, mas aqui, destaca-

se o “Parecer médico provisório sobre a instalação desta indústria” produzido por Cesar Chiaffelli(1989), na época professor e diretor do serviço de oncologia da Santa Casa de Rio Grande, que articula de forma clara os perigos à saúde humana dos rejeitos tóxicos da fábrica, dando ênfase da questão cancerígena e dos problemas respiratórios.

Presume-se aqui que o relatório de Chiaffelli(1989) tenha sido uma das principais referências para o documento, pois o tópico sobre saúde fala sobre problemas cancerígenos e respiratórios assim como no documento disponibilizado para os veranistas.

Ao fim do relatório, há a associação da ingestão de pescado contaminado pelos resíduos da celulose com possíveis danos à saúde, em especial à possibilidade do desenvolvimento de câncer pela população. Apesar das observações contidas no documento em relação à saúde da população, o foco em que é tratada a pesca no documento se detém a demonstrar a perda econômica que o setor pesqueiro poderia vir a sofrer, caso o empreendimento fosse instalado, uma vez que os efluentes da celulose provavelmente aumentariam a mortalidade destes animais.

Nesta parte fica clara e evidente a ligação entre este documento e o relatório denominado “Principais aspectos na pesca do camarão *Rosa Penaeus Paulensis* na Lagoa dos Patos” (MARCHIORI,1989). Tanto em um quanto no outro, os mesmos dados e conclusões são tirados a respeito, tanto do camarão, quanto das consequências ao setor pesqueiro da cidade.

Como mensagem final, o documento se encerra em uma frase solitária ao fim da página, declarando que a celulose traria muito dinheiro para alguns e muitos problemas econômicos, sociais e ambientais para a

³⁸ O NEMA foi fundado por estudantes de Oceanologia da Universidade Federal do Rio Grande e possui vínculo institucional

com a FURG como consta no site da ONG: <http://www.nema-rs.org.br/>



maioria dos moradores do município. A qual reproduzimos aqui: “A fábrica de celulose daria muito dinheiro a alguns E muitos problemas (ambientais, econômicos e sociais) para grande maioria da população de nosso município”.

Cabe ressaltar, a título de esclarecimento, que os relatórios não fazem parte de um mesmo documento, eles foram encontrados de forma separada durante as investigações da pesquisa. Até onde se investigou, estes documentos foram produzidos individualmente pelos autores, com o intuito de alertar a comunidade acadêmica primeiramente, posteriormente foram reunidos aos outros, mas não existe indícios que foram pensados para ser um único relatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se fazer uma leitura mais ampla de tudo o que foi exposto até aqui, fica evidente que a ação socioambiental explanada neste trabalho foi eficaz em combater boa parte das principais argumentações em defesa da fábrica de celulose. Nota-se que todos os argumentos presentes no documento possuíam um conteúdo sólido e bem estruturado.

Advoga-se que a estratégia de divulgação e atuação dos ativistas também possui papel decisivo para o sucesso da ação. O ato de conversar e informar os veranistas em um momento de lazer à beira mar pode ter contribuído de forma eficaz para a requerida conscientização.

O risco de perder aquele momento recreação em tão bela paisagem, devido à instalação da fábrica, pode ter contribuído com o processo de sensibilização dos veranistas a respeito de toda a problemática aqui debatida. Assim fica claro que apesar da importância do conteúdo do folheto, de nada adiantaria se não estivesse atrelado ao fator ativismo.

Ao se examinar o documento de forma mais profunda, assim como todo seu conteúdo, fica evidente

a estreita ligação entre esta produção e os relatórios de possíveis impactos produzidos pelo corpo acadêmico da FURG. Acredita-se que existem evidências suficientes para afirmar que o folheto em questão foi pensado e produzido a partir dos dados presentes nos relatórios dos cientistas da universidade.

Toda a argumentação pró celulose girava em torno da geração de empregos da fábrica e da segurança ambiental. Nota-se ao analisar o folheto que a geração de empregos era algo apenas momentâneo e que mesmo com todos os processos para mitigar os impactos ao meio ambiente, a fábrica ainda poderia causar muitos danos ambientais, estéticos e econômicos.

Entende-se, assim, que fica evidente neste estudo de caso, a simbiose entre comunidade acadêmica e comunidade em geral, unidas para a preservação do meio ambiente riograndino.

Muitas vezes acusada de gerar conhecimento exclusivo dentro dos “muros acadêmicos”, durante as manifestações do “Fora Celulose” da década de 1980 na cidade do Rio Grande, a FURG foi uma das grandes responsáveis, ou quem sabe, a maior responsável, pela produção de material cientificamente embasado, capaz de fazer com que o poder público recuasse em seu projeto, a despeito de todo o “progresso” econômico que traria para o município.

É importante também destacar que a comunidade em geral e ambientalistas não mediram esforços para trazer à cena pública debates que proporcionassem o esclarecimento da população, alertando sobre os perigos da implantação de tal empreendimento.

Desta forma, espera-se que este trabalho tenha o condão de contribuir para a elucidação sobre as potencialidades e avanços que os movimentos de resistência socioambientais podem vir a ter, unindo o saber acadêmico e a militância em prol do bem-estar da vida no planeta. O “Fora Celulose” foi e continua sendo



uma demonstração do quão proveitosa pode ser essa união.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- CARVALHO, Renato. “Turismo”in: **Relatórios de impactos da indústria de celulose em Rio Grande**: Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA), Rio Grande:1989,3f.
- CHIAFFITELLI, Cesar. “Parecer médico provisório sobre a instalação desta indústria”. In: **Relatório de impactos da indústria de celulose em Rio Grande**, Rio Grande: 1989, 2 f.
- DOMINGUES, Marcelo. “Consequências Socioeconômicas para Rio Grande com a instalação de uma fábrica de celulose”. In: **Relatório de impactos da indústria de celulose em Rio Grande: FURG** /Departamento de Geociências. 1989, 12 f.
- FERREIRA, Gabriel, Silva. —**Uma história de luta e resistência- O movimento “Fora Celulose!” no município de Rio Grande no final da década de 1980**”.Rio Grande: 2017. 67p. Monografia (graduação em história bacharelado) - Instituto de ciências humanas e da informação, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande,2017.
- LEFF, Enrique. *Construindo a história ambiental da América Latina*. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 12, n. 13, p. 11-29, 2005.
- LEFF, Enrique. Epistemologia ambiental. Tradução de Sandra Valenzuela: revisão técnica de Paulo Freire Vieira. São Paulo: Cortez, 2001
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3ª ed.; Petrópolis: Vozes, 1992.
- MARCHIORI. “Principais aspectos na pesca o camarão rosa *Penaeus Paulensis* na Lagoa dos Patos - Rio Grande -RS. In: **Relatório de impacto da indústria de celulose em Rio Grande**: FURG/Departamento de Oceanografia.1989,2f.
- MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação, Porto Alegre*, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- YIN, Robert K. **Estudo de Caso-: Planejamento e Métodos**. Bookman editora, 2015.

Periódicos Consultados

- Jornal Agora*, Rio Grande, p13. Ano XIV, 13/04/1989.
- Jornal Agora*, Rio Grande, p 3. Ano XIV, 26/03/1989.
- Jornal Agora*, Rio Grande, p 15. Ano XVI, 21/04/1989.